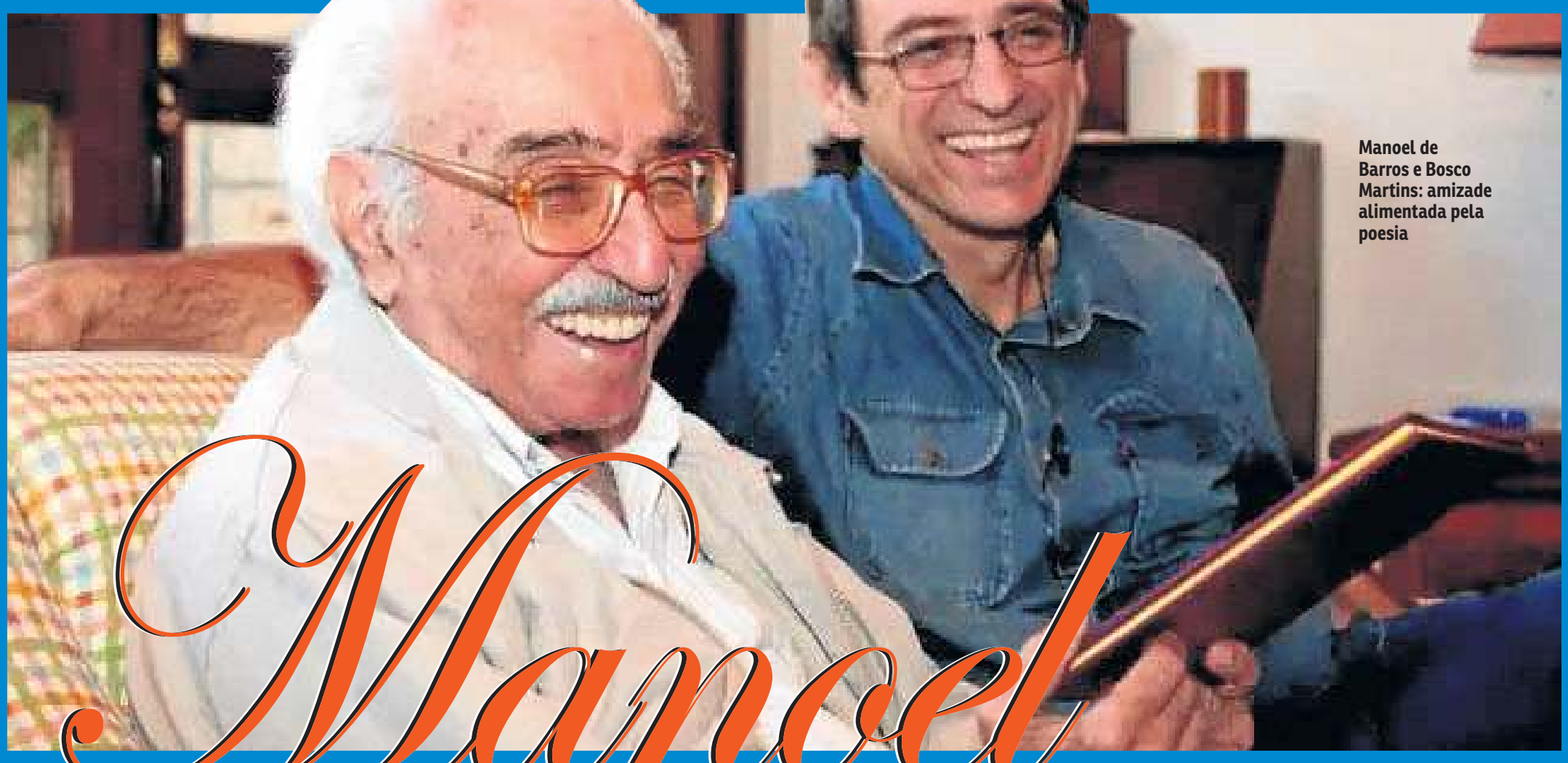
cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

CORREIO BRAZILIENSE
Brasília, quarta-feira, 18 de novembro de 2026



Manoel de Barros e Bosco Martins: amizade alimentada pela poesia

Fotos: Divulgação

Manoel REVISITADO

» JOSÉ CARLOS VIEIRA

A 12ª Semana do Livro e da Biblioteca, realizada na última semana na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), foi marcada pelo pré-lançamento da segunda edição, revisada e ampliada, de *Diálogos do Ócio – Um inventário de amizade com o poeta Manoel de Barros*, do jornalista e escritor Bosco Martins.

Publicada pela Editora UFMS, em versões impressa e digital, a nova edição chega em dois momentos emblemáticos: novembro, quando se completam 12 anos da morte de Manoel de Barros, e dezembro de 2026, quando serão celebrados os 110 anos de nascimento do poeta.

Bosco Martins antecipou novidades da obra, que passou das 318 páginas da primeira edição para 432 páginas. São 114 páginas acrescentadas, com novos registros, documentos, entrevista ao caderno *Diversão & Arte* do **Correio Braziliense**, análises e episódios até então pouco conhecidos da convivência do autor com o poeta pantaneiro.

Entre os destaques estão o texto de apresentação assinado pela reitora Camila Celeste Ítavo, o posfácio do poeta, escritor e biógrafo do poeta Gustavo Castro, um texto do jornalista e poeta Edson Moraes, entrevistas concedidas por Bosco a veículos especializados, e um poema inédito resgatado pelo escritor Douglas Diegues.

Uma das novidades é o episódio envolvendo a atriz, modelo e escritora Bruna Lombardi, que visitou Manoel de Barros em sua residência, em Campo Grande, nos anos 1990. A entrevista permitiu à artista conhecer manuscritos, poemas inéditos e aspectos do processo de criação do poeta. O relato, recuperado por Bosco, revela a admiração mútua e a intimidade daquele encontro.

Outra homenagem é dedicada ao jornalista José Hamilton Ribeiro, amigo de Bosco e de Manoel, que completa 92 anos em novembro. A nova edição resgata a história da amizade entre os três e antecipa uma homenagem à trajetória do veterano jornalista, que será retratada pela Globo na série documental *Tributo*, em reconhecimento à sua contribuição ao jornalismo brasileiro e ao *Globo Rural*.

O livro não pretende ser uma biografia convencional. A proposta é justamente outra: reunir lembranças, diálogos e experiências de mais de três décadas de convivência com o poeta.

Bosco também estabeleceu uma aproximação entre a poesia de Manoel de Barros e a produção da jovem escritora baiana Simone Bacelar, jornalista e doutora em ciências da comunicação.

Ao comentar o livro *O Idioma das Sombras*, especialmente o poema *A herança dos deslembrados*, o escritor identificou afinidades estéticas com o universo do poeta pantaneiro.

Segundo ele, há aproximações na construção do imaginário, no uso do absurdo, na subversão da lógica convencional e na capacidade de transformar situações aparentemente banais em matéria poética.

Nesta entrevista exclusiva ao **Correio Braziliense** Bosco Martins fala sobre as novidades da segunda edição de *Diálogos do Ócio*, revela episódios da amizade com Manoel de Barros, relembra a visita de Bruna Lombardi, homenageia José Hamilton Ribeiro e analisa as aproximações e diferenças entre a poesia do autor pantaneiro e a de Simone Bacelar.

ENTREVISTA // Bosco Martins

Como nasceu a ideia do livro *Diálogos do Ócio – Um inventário de amizade com o poeta Manoel de Barros*?

O livro nasceu de uma convivência construída ao longo de décadas, de conversas, encontros, observações e, sobretudo, de uma amizade que ultrapassou os limites da relação entre jornalista e poeta. Manoel era um homem de inteligência extraordinária, mas também de simplicidade desconcertante. Tinha o dom de transformar uma conversa aparentemente despretensiosa em uma reflexão profunda sobre a vida, a linguagem e o mundo. *Diálogos do Ócio* é uma tentativa de preservar essa experiência. Não é uma biografia convencional nem um estudo acadêmico sobre sua obra. É um inventário afetivo e literário de uma amizade. Tenho dito, inclusive, que se trata de uma espécie de desbiografia.

O título fala em ócio. Por que essa escolha?

Porque o ócio, para Manoel, tinha outro significado. Não era, simplesmente, ficar sem fazer nada. Era permitir-se observar, contemplar, escutar e descobrir aquilo que a pressa cotidiana não deixa enxergar.

Nossas conversas tinham muito disso. O poeta valorizava o tempo aparentemente inútil, as pequenas coisas, os seres desprezados e os detalhes que passam despercebidos. Aprendi que, muitas vezes, é preciso desacelerar para compreender melhor o mundo. O ócio era também uma forma de liberdade e de criação.

O que mais marcou sua convivência com Manoel de Barros?

A capacidade de enxergar o extraordinário nas coisas mais simples. Manoel tinha uma percepção quase infantil da realidade, no melhor sentido da palavra. Era capaz de encontrar poesia numa formiga, num quintal, numa pedra, num passarinho ou na inutilidade de um objeto abandonado. Ele não olhava as coisas apenas pelo que eram, mas pelo que poderiam se tornar na imaginação. Essa liberdade de percepção me marcou profundamente.

O que o leitor encontrará de diferente nesta segunda edição?

Encontrará um Manoel mais próximo. O livro compartilha não apenas o poeta consagrado, reconhecido nacionalmente, mas também o homem das conversas, das observações inesperadas, do humor e das pequenas revelações. A primeira edição tinha 318 páginas. Agora são 432. Recuperamos anotações, acrescentamos episódios, entrevistas, análises e documentos. Temos uma apresentação da reitora Camila Celeste Ítavo, posfácio de Gustavo Castro, texto de Edson Moraes, uma análise crítica de Rita de Cássia Pacheco Lamberti e um poema inédito resgatado por Douglas Diegues. É uma ampliação que procura estabelecer uma ponte entre a memória pessoal e a dimensão universal da poesia de Manoel.

Você revelou um episódio envolvendo a atriz Bruna Lombardi. Como aconteceu esse encontro com Manoel?

Foi nos anos 1990, quando eu estava trabalhando na redação da Globo, no Rio de Janeiro. Recebi uma ligação de Stella, companheira de Manoel, que me anunciou, toda animada, a atriz queria visitá-los e queria saber se eu estava em Campo Grande, mas eu estava no Rio, era sobre a Bruna Lombardi. Logo depois, Manoel entrou na conversa e perguntou se eu conhecia a poesia dela. Ele havia recebido a notícia de que Bruna iria visitá-lo e queria saber o que eu achava de sua produção literária. Contei que havia lido *No ritmo dessa festa*, que tinha prefácio de Chico Buarque. Manoel ficou curioso. Brinquei que, como diria Quintana, ela era da família dele. O encontro aconteceu. Bruna foi à casa do poeta e os dois ficaram encantados. Manoel, especialmente, demonstrou grande admiração pela inteligência e pela sensibilidade dela. Fez algo raro: abriu as portas do seu chamado escritório de ser inútil, mostrou manuscritos, poemas inéditos e compartilhou segredos de criação. Mais de 30 dias depois, quando voltei do Rio, encontrei Manoel e Stella ainda entusiasmados com aquela visita. Contavam e recontavam os detalhes. Bruna teve a sensibilidade de registrar em vídeo aquela intimidade, o processo criativo e a essência do poeta. Anos depois, quando a casa-quintal já havia se transformado no Museu Manoel de Barros, ela voltou para participar de homenagens e exibir aquela entrevista. Foi um encontro que permaneceu na memória de todos nós.

Você mencionou a poesia de Simone Bacelar, especialmente o livro *O idioma das sombras*. O que chamou sua atenção nessa produção?

Encontrei algumas afinidades estéticas bastante interessantes. Principalmente na construção do imaginário, no uso do absurdo, na subversão da lógica convencional e na capacidade de transformar situações aparentemente banais em matéria poética. Manoel de Barros tinha essa capacidade extraordinária de deslocar a realidade, de desorganizar a lógica cotidiana para revelar outras possibilidades de enxergar o mundo. Simone utiliza um procedimento semelhante, embora por outro caminho. Minha impressão é que ela dialoga com uma tradição poética que Manoel ajudou a renovar, mas desenvolve uma voz própria, com características que merecem ser observadas.

Poderia apontar um exemplo dessa aproximação na poesia dela?

Há um trecho muito expressivo no poema *A herança dos deslembrados*: "Meu avô desconfiava dos retratos. Afirmava que os mortos tinham péssima reputação e costumavam mentir sobre a própria biografia. É uma construção que dialoga com o universo imaginativo de Manoel. O retrato, que deveria preservar uma memória, torna-se suspeito. Os mortos deixam de ser figuras passivas e passam a contestar a própria história. É uma inversão muito interessante. O absurdo deixa de ser apenas um recurso de humor e passa a revelar uma verdade humana.

A infância também aparece como um elemento importante nessa aproximação?

Sem dúvida. Em Manoel de Barros, a infância não é apenas uma fase cronológica da vida. É um estado de percepção, uma maneira de enxergar o mundo sem as amarras da lógica adulta. Simone recupera essa dimensão quando escreve: "Na infância, descobri que uma família é uma espécie de tribunal em que os culpados escolhem os juízes, os inocentes pagam as despesas e os defuntos conservam o direito de contestar a sentença". É uma imagem muito feliz. Ela transforma a família numa instituição judicial e faz da infância um lugar de descoberta das contradições humanas.

E quanto à linguagem? É possível identificar uma influência direta de Manoel de Barros?

Afinidade estética não significa necessariamente influência direta. Manoel é um inventor de linguagem. Ele desarruma as palavras para reinventar o mundo. Simone, nesse poema, trabalha mais com a narrativa, a ironia e a memória familiar. Observe os versos: "Meu pai tinha sete anos numa data em que já era velho" e "Minha avó chorava por uma filha que ainda não tinha sido concebida".

O poeta dizia que era preciso transver o mundo. O que significa isso?

Essa talvez seja uma das maiores lições de sua poesia. Manoel dizia: "O olho vê, a lembrança revê, a imaginação transvê".

Para mim, transver é ultrapassar a aparência imediata das coisas. É não aceitar que o mundo esteja pronto, acabado e explicado. É permitir que a imaginação produza outros significados.

Manoel desconstruía a linguagem para reconstruir a realidade. Ele não queria simplesmente descrever o Pantanal, por exemplo. Queria reinventá-lo pela palavra, criando uma espécie de universo próprio, onde homens, bichos, rios, árvores e objetos convivem em harmonia poética.

A linguagem de Manoel parece simples, mas sua construção poética é bastante sofisticada. Como explica essa contradição?

A simplicidade de Manoel é resultado de um trabalho muito elaborado. Ele tinha consciência absoluta das palavras que escolhia, das imagens que construía e dos sentidos que pretendia provocar.

Seu texto pode parecer espontâneo, mas existe ali uma profunda depuração da linguagem. Ele aproximava realidades distantes, invertia funções, criava neologismos e desorganizava a lógica para produzir novos sentidos. Era um artesão da palavra. A impressão de liberdade não significa ausência de rigor; pelo contrário, é fruto de uma construção literária muito particular.

Depois de tantos anos, o que permanece dessa convivência?

Permanece uma maneira diferente de olhar a vida. Manoel me ensinou que nem tudo precisa ter utilidade, que as palavras podem brincar e que a imaginação não deve obedecer a cercas.

Permanece também a responsabilidade de compartilhar essa memória com novas gerações. A amizade não termina, necessariamente, com a ausência física. Ela continua nas lembranças, nas conversas que a gente reconstrói e, principalmente, nas palavras que permanecem.

NOVA EDIÇÃO DE *DIÁLOGOS ÓCIO* AMPLIA INVENTÁRIO DE AMIZADE DO POETA MANOEL DE BARROS COM HISTÓRIAS INÉDITA

"Manoel de Barros tinha essa capacidade extraordinária de deslocar a realidade, de desorganizar a lógica cotidiana para revelar outras possibilidades de enxergar o mundo"



"Seu texto pode parecer espontâneo, mas existe ali uma profunda depuração da linguagem. Ele aproximava realidades distantes, invertia funções, criava neologismos e desorganizava a lógica para produzir novos sentidos"

Bosco Martins, *poeta*